

A FONTE PRIMÁRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES À PESQUISA ACADÊMICA

Alexandre Amaral Ferreira (UERJ)

RESUMO

Neste trabalho pretendemos demonstrar que a fonte primária é autoenunciadora do conhecimento no campo literário, não necessitando que a voz do pesquisador a justifique, apenas a exponha. Visamos elucidar também a importância da pesquisa no ambiente acadêmico como ferramenta de aprendizado em diversos sentidos na formação de alunos e professores pesquisadores, tendo como foco a pesquisa feita em fonte primária, principalmente, jornalística e literária do século XIX na Hemeroteca Digital Brasileira (FBN).

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa; Fonte Primária; Literatura.

INTRODUÇÃO

Segundo Roland Barthes (1989), em seu compêndio de ensaios denominado **Rumores da Língua**, o trabalho de um pesquisador deve ser feito com desejo, e caso não seja dessa maneira, sua tarefa, se torna, então, um círculo vicioso, cansativo, rotineiro, alienado e motivado somente pela necessidade de ser aprovado em uma avaliação, obter um diploma ou garantir uma promoção no emprego. Ainda de acordo com Barthes, cria-se a imagem fictícia de que a pesquisa é apenas para ser reportada e o pesquisador é essencialmente um prospector de materiais em estado natural sem a capacidade de escrevê-la, mas apenas registrá-la:

It is perhaps time to dispose of a certain fiction: the one maintaining that research is reported but not written: here the researcher is essentially a prospector of raw materials, and it is on this level that his problems are raised; once he has communicated his results, everything is solved; formulation is nothing more than a vague final operation, rapidly performed according to a few techniques of expression learned in secondary school and whose only constraint is submission to the code of the genre (clarity, suppression of images, respect for the laws of argument). (BARTHES, 1989, p. 70)¹

¹ É talvez a hora de dispor de certa ficção: a que preserva que a pesquisa é reportada, mas não é escrita aqui os pesquisadores são essencialmente os prospectores de materiais em estado natural e é nesse nível

Dessa maneira, é possível entender que a pesquisa literária, principalmente no que diz respeito ao seu caráter investigativo no cerne da fonte primária, expõe, necessariamente, o pesquisador a um processo de adaptação, avanços e retrocessos em sua busca, em que o espaço de trabalho se caracteriza por um terreno pantanoso e incerto, mas que, de certa forma, motiva e fomenta a discussão literária. Sob essa perspectiva da tarefa prospectora do pesquisador,—fundamentamos as pesquisas e métodos que aplicamos para obter alguns dos resultados a serem expostos nesse trabalho.

Dentro do ambiente acadêmico podemos perceber o grande estímulo por parte das instituições de apoio à pesquisa científica para que os projetos que gerem resultados e publicações sejam realizados dentro e extramuros das universidades. Contudo, em um breve recorte e focando em nossa área, notamos que uma determinada parte da pesquisa em literatura tem sido baseada apenas na teoria e na obra, não tomando como importante todo o ambiente social, político e empírico onde circulam o autor e suas produções literárias. Sob a luz da pesquisa histórico-literária, é possível perceber inúmeros fatores que levaram algumas obras a fazerem parte do cânone. É desenvolvendo esse tipo de pesquisa que podemos experimentar o contato com a fonte primária e também entender a sua importância para a pesquisa histórica.

TRABALHO COM FONTE PRIMÁRIA

De maneira diferente dos outros tipos de fonte, a fonte primária atesta o que outrora fora concebido como opinião recorrente em meio às informações e conhecimento vigentes numa época. É possível perceber que quanto mais arraigada está a fonte na história de um determinado assunto, menos temos como refutá-la, tomando-a como uma afirmação que mesmo possibilitando o questionamento, será aceito como verdade perante o momento de que foi contemporânea. Dentro dessa característica, a fonte primária reivindica certa autonomia em relação ao pesquisador, que almeja ser apenas um instrumento representante para a fonte em si.

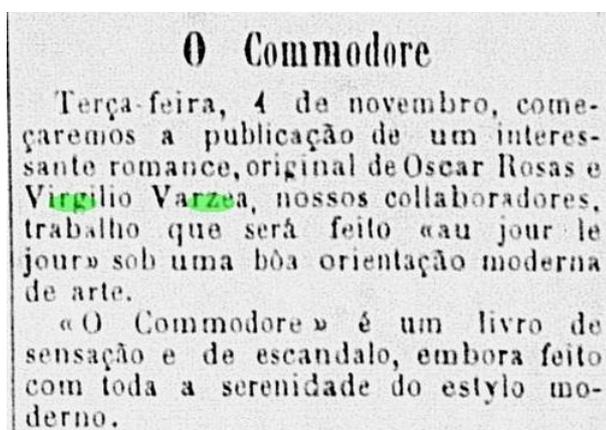
Como exemplo, traremos uma etapa de nossa pesquisa em que a fonte primária foi de vital importância para a arrecadação de material que mais tarde possibilitaria a construção e reforço de argumentos para provar nossas hipóteses. No caso do projeto atual, uma das etapas visa conhecer um escritor de Desterro, Santa Catarina, Virgílio Varzea (1863-1941), dentro do contexto do naturalismo literário brasileiro. Varzea era considerado escritor naturalista pelos críticos contemporâneos, mas acabou não abonado pela historiografia literária. Então fomos buscar jornais da época, jornalistas e críticos que o citassem em seus escritos, e a partir das informações obtidas, pudemos perceber que além de os críticos da época o considerarem um escritor naturalista, alguns de seus amigos também se assumiam assim, uma descoberta importante para nossa hipótese de que ele se afiliava à estética naturalista.

Antes de iniciarmos nossas pesquisas para fundamentar as hipóteses sobre os movimentos literários ao qual o autor supostamente pertencia, voltemos para explicar

que seus problemas aparecem; uma vez tendo comunicado seus resultados tudo está resolvido; a formulação é nada mais que uma vaga operação final, rapidamente desempenhada de acordo com algumas técnicas de expressão aprendidas no ensino médio e de quem a única coerção é a submissão aos códigos do gênero (clareza supressão de imagens, obediência às leis da discussão.) (Nossa tradução)

como chegamos a ele e como nossas pesquisas se iniciaram. Algumas visitas à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e a seu precioso acervo de periódicos microfilmados foram algumas das atividades realizadas no passo inicial para possibilitar uma colheita de material que pudesse nos ajudar. Este processo ocorreu com muita dificuldade, pois nem sempre os periódicos estão em bom estado, resultando em microfiches de jornais com pedaços em falta e marcações feitas por seus antigos proprietários, causando certos problemas para a identificação de nomes e colunas.

De todos os periódicos disponíveis, o que trabalhamos por mais tempo foi **Cidade do Rio** (mas também com **Gazeta de Notícias** e **Correio da Manhã**), e nele encontramos um folhetim que nos apresentara o autor. O folhetim, espaço-livre típico dos jornais no século XIX, que podia conter desde piadas, receitas e anedotas, incluía também os romances folhetim (MEYER, 1996, p.57). O folhetim *O Comodoro* foi o pontapé inicial para que o autor se tornasse foco do nosso trabalho, e mais adiante mostraremos alguns de nossos achados que são frutos de nossa pesquisa.



Anúncio da publicação de *O Comodoro*, por Oscar Rosas e Virgílio Varzea. Cidade do Rio, 01, de Novembro de 1890. (Primeiro encontro com o autor que nos serviu de ponto de partida.)

Após o primeiro encontro, partimos em busca de outras aparições do mesmo autor e suas contribuições para definirmos, a partir delas, uma poética do autor, podendo assim alinhar seus escritos com outros que possam aparecer na tentativa de solidificar seu modo de escrever. Dessa maneira, o que propomos é criar uma imagem virtual para nós de quem seria realmente Virgílio Varzea e qual poderia ter sido toda a sua trajetória.

Voltando às ideias de Barthes ainda presentes no seu livro **Rumores da Língua**, no capítulo *Jovens pesquisadores*, ele define que pesquisas não precisam ser feitas necessariamente em material moderno, devido a grande quantidade do incalculável *õgermeö* que nos incomoda, não permite conformarmo-nos com o que já existe ou está escrito, e inevitavelmente nos leva a transcender as velhas partições da História da Literatura, bem delimitadas e petrificadas em suas normas de importância e não de recorrência, como bem postula Barthes:

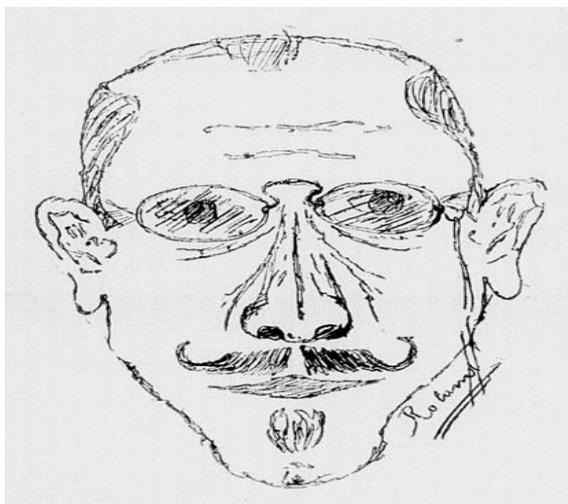
[...]On the other side, there is no necessity that the Text be exclusively modern: there can be Text in ancient works; and it is precisely the presence of this unquantifiable germ that makes it necessary to

disturb, to transcend the old division of Literary History;[í](BARTHES, 1989, p. 73)²

Vemos assim a necessidade de acessar a fonte primária na tentativa de reescrever certos momentos da literatura e sua história, sem a intenção de atribuir valor ao fato, mas apenas apontar sua ocorrência, deixando que os fatos por si só, mesmo que através do pesquisador, remontem toda uma nova história da literatura pelos fragmentos redescobertos.

Durante nossas visitas a Biblioteca Nacional, pudemos participar de um momento de transição que beneficiara nosso trabalho. Encontramos um site da própria instituição onde os jornais, já digitalizados, estavam sendo armazenados e disponíveis com ferramentas de busca por data, periódico e termos livres. Para nós que trabalhamos com a fonte primária jornalística, a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional tornou nosso trabalho menos dispendioso e mais produtivo, pois poderia ser feito agora sem que necessitássemos sair de casa.

Voltando aos achados nos periódicos, encontramos também uma página de homenagens dedicadas ao autor pela data de cinco anos de seu falecimento, nos auxiliando pela gama de autores que lhe renderam palavras de reconhecimento e respeito no documento. Isso nos possibilitou estabelecer o círculo de escritores que o rodeavam, aumentando ainda mais a área de busca de informações sobre o autor, pois muitos escritores que o circundavam possuíam colunas em jornais e, em algum momento, lá teceram palavras sobre o desenvolvimento do autor e também após seu falecimento.

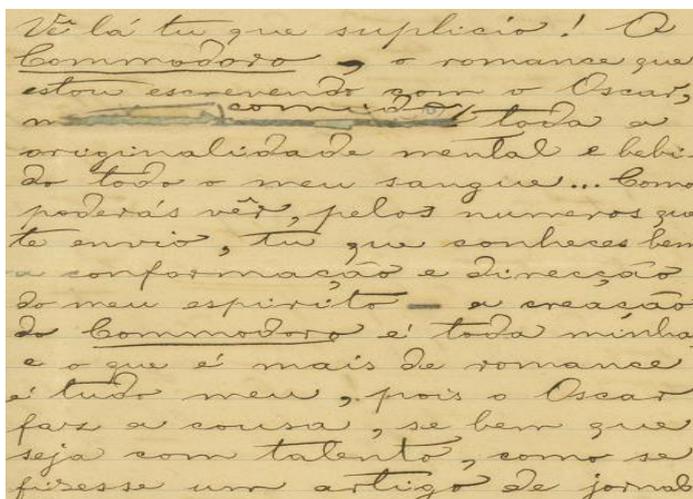


Caricatura de Virgílio Varzea feita pelo filho Paulo Varzea em 1907, *Gazeta de Notícias*, 17/03/1946. (Uma imagem da vida pessoal do escritor, que nos guiou para a construção do ser por trás dos escritos)

² Por outro lado, não há necessidade de que o Texto seja exclusivamente moderno: pode haver Texto em trabalhos antigos; e isso é precisamente a presença desse germe incalculável que faz necessário perturbar, transcender as velhas divisões da História da Literatura. (Nossa tradução)

Apesar de focarmos na fonte primária, é impossível deixar de lado todo o trabalho já feito antes do nosso, e mesmo que o autor seja considerado esquecido, foi possível encontrarmos relatos sobre sua vida, obra e algumas situações de sua carreira que se inicia em Desterro e termina no Rio de Janeiro, através de escritos de outros pesquisadores que, como Virgílio, são do sul do Brasil.

Dessa forma, os escritos de Nereu Corrêa e informações e documentos do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina nos propiciaram grandes achados que fortaleceram nossa pesquisa. Encontramos o grande acervo da Universidade Federal de Santa Catarina do qual que faziam parte correspondências trocadas por Varzea e um de seus melhores amigos, Cruz e Souza (1861-1898), que também trouxeram informações relevantes e acrescentaram dados imprescindíveis ao nosso trabalho.



Trecho de uma das cartas de Virgílio Varzea para Cruz e Souza escrita no Rio de Janeiro, em 26/11/1890. (Documento que contradiz nota final do folhetim, importante para a compreensão do momento do autor no Rio de Janeiro).

A partir desses achados, nos reunimos com o orientador e líder do grupo de pesquisa, Professor Dr. Leonardo Mendes (UERJ/FFP) para discussão e análise do contexto da obra e do escritor, formulando posteriormente hipóteses que nos ajudariam a entender e explicar a trajetória de um escritor plenamente ativo em seu tempo, mas deixado de lado por escrever um tipo de literatura que não agradava às minorias que selecionaram o que merecia entrar para o rol de boa literatura em nosso país. Após reuniões e discussões, todo esse material reunido será refinado até que seja possível a confecção de trabalhos acadêmicos e apresentações, na tentativa de expor à comunidade acadêmica os resultados da pesquisa, que não busca a análise literária da obra em si, mas retratar a existência de vários artefatos arqueológicos da literatura que ainda não vieram à superfície.

Como pesquisadores de literatura, podemos atestar que o período de graduação do qual participamos de pesquisas acadêmicas nos motivam como profissionais e

acrescentam habilidades de questionamento sobre informações que são transmitidas pela escola muitas vezes sem comprovação científica. É nosso papel como professores/pesquisadores em formação, reforçar nossa capacidade crítica e transmitir aos nossos alunos essa capacidade de não aceitar informações sem questionamento.

Virgílio Varzea é um dos mais fecundos dos nossos escriptores moços. O seu poder de imaginação é notavel. Uma só paisagem inspira-lhe ás vezes meia dúzia de descripções novas, em que, conservando a unica e mesma impressão, a sua alma encontra um sem numero de efeitos diversos, — sempre transportados para o papel com um vigor excepcional, fundamentalmente communicativo. As suas marinhas, — télas vastíssimas em que se espelha toda a melancolia das praias brancas do sul, e em que se agita, palpitan'e, todo o mar largo, coalhado de navios, ora reverberando gloriosamente o esplendor do sol a pino, ora adormecendo, tristissimo, na meia luz dos crepusculos — tem uma vida intensa, sentida, apanhada em flagrante por quem sabe observar.

Crítica de **Mares e Campos**, onde Virgílio é exaltado como um dos mais fecundos moços. A coluna é assinada por **õBö**, pseudônimo de Olavo Bilac.

Gazeta de Notícias, 12 de Maio de 1895. (Varzea é citado como um escritor promissor por um Bilac já influente.)

CONCLUSÃO

Para concluir, evidenciamos que, além da teoria literária, o pano de fundo de uma obra também é de vital importância para a análise e compreensão da obra literária. Além do conteúdo de um livro, é necessário compreender quem o lia, como o lia e por que o lia, se era bem vendido, se vendia pouco, por quem era publicado e até quem havia rejeitado sua publicação. Ter um livro publicado exigia um esforço hercúleo, dada a circunstância de que os editores evitavam fazer apostas. O espaço do folhetim, sem restrições e destinado ao entretenimento, podia ser usado para divulgar a obra de escritores em ascensão (MEYER, 1996, p. 282), como Virgílio Várzea, atingindo um público mais amplo, que não tinha dinheiro para comprar livros, mas lia jornais. A riqueza do acervo de periódicos se fez através desses aspectos que incorporaram ao jornal um valor histórico maior do que o previsto, tornando-o um documento que terá valor enquanto se disporem a vasculhar suas colunas.

Dessa forma, ressaltamos que não é nossa intenção inferir um novo modo de leitura ou método de exposição acadêmica do material pesquisado. Como discutido em nossas reuniões e apresentações, nosso trabalho com a fonte primária, nesse caso em específico, os jornais do fim do século XIX e início do XX, é de expor uma gama de informações de interesse para a história da literatura, trazendo de volta o que não foi abarcado pela tradição crítica, mas que sempre esteve ali como um tesouro para ser desenterrado, cuja localização todos conheciam, mas poucos se interessaram em escavar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **The Rustle of Language**, 1989, University of California Press.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, 01 e 05/11/1890 ó Disponível em Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional.

Gazeta de Notícias, 04/01 e 12/05/1895, 17/03/1946 - Disponível em Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional.

<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=212390>. Último acesso em 20/09/2013

MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma história**. Companhia das Letras, São Paulo, 1996.

Revista Escritores Catarinenses nº 1, Série Resgate, Virgílio Varzea, 1990.

PRIMARY SOURCE AND ITS CONTRIBUTION TO ACADEMIC RESEARCH

ABSTRACT

In this paper we intend to show that the primary source is a self-enunciator of knowledge in the literary field, not needing the researcher's voice to explain it, but just to expose it. We aim to clarify the importance of research in the academic environment as a tool for the learning process of students and teacher who develop research, focusing on the primary source based type of research, mainly, journalistic and literary of the nineteenth century.

KEYWORDS: Research; Primary Source; Literature.